

## Prólogo

# A PRÓXIMA REVOLUÇÃO

Estamos à beira de uma revolução — uma tão audaciosa e profunda como a descoberta da relatividade de Einstein. Na fronteira da Ciência, estão a surgir novas ideias que desafiam tudo aquilo em que acreditamos em relação à forma como o nosso mundo funciona e ao modo como nos definimos. Estão a ser feitas descobertas que provam a ideia que a Religião sempre abraçou: que os seres humanos são bem mais extraordinários do que uma simples montagem de carne e ossos. Na sua essência, esta nova ciência responde a perguntas que vinham descompondo os cientistas há centenas de anos. No seu nível mais profundo, esta é a ciência do milagre.

Durante várias décadas, cientistas respeitados, de todo o Mundo, em diferentes disciplinas, têm vindo a desenvolver experiências bem construídas, cujos resultados contrariam a Biologia e a Física atuais. Juntos, estes estudos oferecem-nos rios de informação sobre a força organizadora central que governa os nossos corpos e o resto do Cosmos.

O que descobriram é simplesmente espantoso: no nosso nível mais básico não somos uma reação química, mas sim uma carga energética. Os seres humanos e todos os seres vivos são uma coalescência energética num campo de energia, ligados a todas as outras coisas do Mundo. Este campo de energia pulsante é o motor

central do nosso ser e da nossa consciência, o princípio e o fim da nossa existência.

Não existe qualquer dualidade «eu» e «não eu» nos nossos corpos em relação ao Universo, mas sim um único campo de energia subjacente. Este campo é responsável pelas funções superiores da nossa mente; é a fonte de informação que conduz o crescimento dos nossos corpos. É o nosso cérebro, o nosso coração, a nossa memória — na realidade, é um mapa do Mundo para sempre. Este campo — e não os germes ou os genes — é a força que, no final, determina se estamos saudáveis ou doentes; é a força que temos de explorar para nos podermos curar. Estamos ligados e envolvidos, somos indivisíveis do nosso mundo, e a nossa única verdade fundamental é a nossa relação com ele. «O campo», tal como Einstein em tempos disse sucintamente, «é a única realidade».<sup>1</sup>

Até à data, a Biologia e a Física têm sido servas das ideias abraçadas por Isaac Newton, o pai da Física moderna. Tudo aquilo em que acreditamos, em relação ao nosso mundo e ao nosso lugar nele, segue ideias formuladas no século XVII, mas que ainda constituem a base da Ciência moderna — teorias que apresentam todos os elementos do Universo como estando isolados uns em relação aos outros, divisíveis e totalmente independentes.

Estas teorias, na sua essência, criaram uma visão de separação do Mundo. Newton descreveu um mundo material, no qual as partículas individuais de matéria seguiam determinadas leis de movimento através do espaço e do tempo — o Universo enquanto máquina. Antes de Newton ter formulado as suas leis do movimento, o filósofo francês René Descartes tinha apresentado aquela que era, então, uma ideia revolucionária: nós — representados pelas nossas mentes — estávamos separados da matéria inerte e sem vida dos nossos corpos, que eram apenas mais uma máquina bem lubrificada. O Mundo era composto por uma imensidão de pequenos objetos distintos, que se comportavam de modo previsível, e o mais individual de todos era o ser humano. Estávamos do lado de fora deste universo a olhar para dentro. Até mesmo os nossos corpos estavam de certo modo separados, sendo *estranhos* ao nosso verdadeiro «eu», a mente consciente que observava.

O mundo «newtoniano» pode ter sido cumpridor das leis, mas, em última análise, era um local solitário e desolado. O Mundo avançava, como uma enorme caixa de mudanças, quer estivéssemos presentes ou não. Com alguns gestos hábeis, Newton e Descartes tinham retirado Deus e a vida do mundo da matéria e tinham-nos afastado, a nós e à nossa consciência, do centro do nosso mundo. Tinham arrancado o coração e a alma do Universo, deixando para trás uma coleção de peças interligadas e inertes. O mais importante de tudo, tal como Danah Zohar observou em *O Ser Quântico*, era que «a visão de Newton nos arrancou do tecido do Universo».<sup>2</sup>

A nossa autoimagem tornou-se ainda mais sombria depois do trabalho de Charles Darwin. A sua teoria da evolução — agora, ligeiramente afinada pelos «neodarwinistas» — fala de uma vida aleatória, predadora, sem propósito e solitária. Ser o melhor ou não sobreviver. Somos apenas um acidente evolutivo. A extensa herança biológica dos nossos antepassados foi reduzida a uma faceta central: a sobrevivência. Comer ou ser comido. A essência da nossa humanidade é ser um terrorista genético, que se livra eficazmente de quaisquer elos mais fracos. A vida não tem que ver com a partilha e com a interdependência, mas sim com vencer e chegar primeiro. E se conseguirmos sobreviver estamos sozinhos no topo da árvore da evolução.

Estes paradigmas — o Mundo como uma máquina, o Homem enquanto máquina de sobrevivência — trouxeram um domínio tecnológico do Universo, mas poucos conhecimentos verdadeiros com alguma importância crucial para nós. A um nível espiritual e metafísico, conduziram a um sentimento de isolamento extremamente desesperado e brutal. Também não nos aproximaram da compreensão dos mistérios mais fundamentais do nosso próprio ser: como pensamos, como é que a vida começa, qual a razão pela qual adoecemos, como é que uma única célula se transforma numa pessoa completamente formada, e, até, o que acontece à nossa consciência quando morremos.

Permanecemos como apóstolos relutantes desta ideia do mundo mecanizado e separado, mesmo que essa não seja a nossa experiência habitual. Muitos procuram refúgio, daquilo que encaram como sendo o facto duro e niilista da nossa existência, na religião

— que pode oferecer alguma ajuda (devido aos seus ideais de unidade, comunidade e propósito), mas através de uma visão do Mundo que contradiz aquela que é abraçada pela Ciência. Qualquer pessoa que busque uma vida espiritual tem de lutar com estas visões opostas do Mundo e tentar, inutilmente, reconciliá-las.

Este mundo de separação devia ter sido destruído, de uma vez por todas, com a descoberta da Física Quântica, na primeira metade do século XX. À medida que os pioneiros desta parte da Física espreitavam para o coração da matéria, iam ficando estupefatos com o que viam. Os mais pequenos pedaços de matéria nem sequer eram... matéria, tal como a entendemos, nem sequer eram *algo* de definido. Eram, às vezes, uma coisa e, outras, algo bem diferente. E, ainda mais estranho, eram frequentemente muitas coisas possíveis, todas ao mesmo tempo. Ainda mais importante: estas partículas subatómicas não tinham qualquer significado isoladamente; apenas quando relacionadas com tudo o resto. No seu nível mais elementar, a matéria não podia ser dividida em pequenas unidades independentes, sendo completamente indivisível. Apenas podíamos compreender o Universo enquanto teia dinâmica de interligação; uma vez em contacto, as coisas permaneciam sempre em contacto, através de todo o espaço e do tempo. Na realidade, os próprios tempo e espaço pareciam ser construções arbitrárias, já não aplicáveis a este nível do Mundo. O tempo e o espaço, tal como os conhecemos, na realidade, não existiam. Tudo o que surgia, tanto quanto aquilo que podia ser humanamente visto, era uma extensa paisagem de «aqui e agora».

Os pioneiros da Física Quântica — Erwin Schrödinger, Werner Heisenberg, Niels Bohr e Wolfgang Pauli — tinham uma vaga ideia do território metafísico no qual tinham entrado. Se os elétrões estavam ligados a todo lado ao mesmo tempo, isto sugeria algo de mais profundo sobre a natureza do Mundo em geral. Voltaram-se para os textos filosóficos clássicos, na sua tentativa de entender a verdade mais profunda sobre o estranho mundo subatómico que estavam a observar. Pauli examinou a Psicanálise, os arquétipos e a Cabala; Bohr, a filosofia taoista e chinesa; Schrödinger, a filosofia hindu; e Heisenberg, a teoria platónica da antiga Grécia.<sup>3</sup> Contudo, uma teoria coerente sobre as

implicações espirituais da Física Quântica permanecia para além do seu entendimento. Niels Bohr colocou um cartaz na sua porta que dizia «Proibida a entrada a filósofos. Trabalho em progresso».

Havia um outro assunto inacabado, bastante prático, relacionado com a teoria quântica. Bohr e os seus colegas apenas chegaram até certo ponto com as suas experiências e a sua compreensão. Os estudos que conduziram, demonstrando estes efeitos quânticos, tinham acontecido em laboratório, com partículas subatómicas não vivas. A partir daqui, os cientistas que seguiram na sua pegada assumiram, naturalmente, que este estranho mundo quântico apenas existia no reino da matéria morta. Todas as coisas vivas continuavam a funcionar de acordo com as leis de Newton e Descartes, uma visão que moldou toda a Medicina e a Biologia modernas. Até mesmo a Bioquímica depende da força e da colisão «newtonianas» para funcionar.

E o que dizer de nós? De repente, tínhamos ganho centralidade em relação a todos os processos físicos, mas ninguém o tinha reconhecido completamente. Os pioneiros quânticos tinham descoberto que o nosso envolvimento com a matéria era crucial. As partículas subatómicas existiam em todos os estados possíveis até serem perturbadas por nós — através da observação ou da medição — momento em que se acomodavam, finalmente, em algo de real. A nossa observação — a nossa consciência humana — era completamente fulcral para que este processo de fluxo subatômico se tornasse uma coisa definida, mas nós não fazíamos parte de nenhuma equação matemática de Heisenberg ou Schrödinger. Eles perceberam que éramos cruciais de alguma forma, mas não sabiam como nos incluir. No que dizia respeito à Ciência, continuávamos do lado de fora a olhar para dentro.

Todas estas pontas soltas da Física Quântica nunca foram integradas numa teoria coerente e ela ficou reduzida a uma ferramenta tecnológica, extremamente produtiva, vital para o fabrico de bombas e para a eletrónica moderna. As implicações filosóficas foram esquecidas e tudo o que restou foram as suas vantagens práticas. A maioria dos físicos atuais estava disposta a aceitá-la sem questionar a natureza bizarra do mundo quântico, porque a sua matemática, tal como a equação de Schrödinger, funcionava bas-

tante bem, mas desconfiavam da sua falta de sentido global.<sup>4</sup> Como é que os elétrões podiam estar em contacto com tudo ao mesmo tempo? Como é que um elétron podia não ser uma coisa só, bem definida, até ser examinado ou medido? Como é que alguma coisa neste mundo poderia ser concreta, se se tornava um fogo-fátuo assim que a começávamos a examinar de perto?

A sua resposta a estas questões foi dizer que existia uma verdade única para as coisas pequenas e outra verdade para as coisas maiores, uma verdade para as coisas vivas e outra para as que não o eram, e aceitar estas contradições aparentes, tal como aceitaríamos um axioma básico de Newton. Estas eram as regras do Mundo e deviam ser simplesmente aceites. A Matemática funciona e só isso é que interessa.

Um pequeno grupo de cientistas espalhados pelo Mundo não se contentou com a ideia de usar simplesmente a Física Quântica de cor. Eles queriam uma resposta melhor para muitas das grandes questões que tinham ficado sem resposta. Nas suas investigações e experiências, continuaram a partir do ponto no qual os pioneiros da Física Quântica tinham parado, e começaram a investigar mais a fundo.

Alguns pensaram, de novo, nalgumas equações que sempre tinham sido retiradas da Física Quântica. Estas equações representavam o Campo de Ponto Zero — um oceano de vibrações microscópicas no espaço entre as coisas. Perceberam que, se o Campo de Ponto Zero fosse incluído na nossa conceção da natureza mais fundamental da matéria, então os próprios alicerces do Universo seriam um mar fervilhando de energia — um enorme campo quântico. Se isto fosse verdade, tudo estaria ligado a tudo o resto, como uma rede invisível.

Descobriram também que éramos compostos pelo mesmo material-base. No seu nível mais fundamental, os seres vivos, incluindo os humanos, eram embalagens de energia quântica, a trocar informações constantes com este inesgotável mar de energia. Os seres vivos emitiam uma radiação fraca e este era o aspeto mais crucial dos processos biológicos. A informação sobre todos os aspetos da vida, desde a comunicação celular até ao vasto conjunto de

controles de ADN, era passada através de uma troca de informação em termos quânticos. Até mesmo as nossas mentes — aquele *outro* que se pensava estar tão fora das leis da matéria — funcionavam de acordo com os processos quânticos. Os atos de pensar e de sentir — todas as funções cognitivas superiores — estavam relacionados com a informação quântica que pulsava simultaneamente através do nosso cérebro e do nosso corpo. A percepção humana acontecia devido às interações entre as partículas subatômicas dos nossos cérebros e o mar de energia quântica. Nós ressoávamos, literalmente, em conjunto com o nosso mundo.

As suas descobertas eram extraordinárias e heréticas. De um só golpe, tinham desafiado muitas das mais básicas leis da Biologia e da Física. Mas, o que possivelmente tinham descoberto era apenas a chave para todo o processamento e a troca de informações do nosso mundo, desde a comunicação entre células até à percepção do Mundo em geral. Tinham encontrado respostas para algumas das mais profundas questões da Biologia, relacionadas com a morfologia humana e com a consciência viva. Aqui, no denominado espaço «morto», encontrava-se, possivelmente, a chave da própria vida.

De um modo ainda mais fundamental, tinham fornecido provas de que todos estamos ligados uns aos outros e ao próprio Mundo através da camada interior do nosso ser. Através de experiências científicas, demonstraram que pode existir uma espécie de força de vida que flui através do Universo — aquilo a que muitas vezes se chamou consciência coletiva ou, como o designam os teólogos, o Espírito Santo. Forneceram uma explicação plausível para todas aquelas áreas nas quais a humanidade foi acreditando, ao longo dos séculos, mas sobre as quais não tinha provas concretas nem uma explicação adequada: desde a eficácia da medicina alternativa, ou até mesmo das preces, até à vida após a morte. Ofereceram-nos, de certo modo, uma ciência da religião.

Ao contrário da visão do Mundo oferecida por Newton ou por Darwin, tinham uma visão que fortalecia a vida. Estas eram ideias que, devido às suas implicações de ordem e controlo, nos poderiam dar mais poder. Não éramos simples acidentes da Natureza. Havia propósito e unidade no nosso mundo e no nosso lugar dentro dele, e nós tínhamos uma palavra importante a dizer sobre isso. Aquilo

que fazíamos e em que pensávamos importava — na realidade, era crítico para a criação do nosso mundo. Os seres humanos já não estavam separados uns dos outros, já não éramos nós contra eles nem estávamos na periferia do Universo — do lado de fora a olhar para dentro. Podíamos assumir o lugar que era nosso por direito: de novo no centro do Mundo.

Estas ideias eram uma traição. Em muitos casos, estes cientistas tiveram de se defender dos ataques de uma classe estabelecida, entrincheirada e hostil. As suas investigações continuaram durante 30 anos, em grande parte não reconhecidas ou excluídas, mas não devido à qualidade do trabalho. Os cientistas, todos eles de instituições de qualidade reconhecida — Universidade de Princeton, Universidade de Stanford, instituições de topo na Alemanha e em França —, produziram experiências impecáveis. Contudo, estas atacavam vários princípios considerados sagrados e basilares para a Ciência moderna. Não se encaixavam na visão científica prevalente do Mundo enquanto máquina. Reconhecer estas novas ideias teria implicado descartar muito daquilo em que a Ciência moderna acredita e, de certo modo, recomeçar do zero. A velha guarda recusava tal coisa. Essas ideias não se encaixavam na visão do Mundo e, portanto, deviam estar erradas.

No entanto, é já demasiado tarde. A revolução é imparável. Os cientistas referidos em *O Campo* são apenas alguns dos pioneiros, uma pequena representação de um movimento maior.<sup>5</sup> Muitos outros estão no seu encaixe, desafiando, experimentando, modificando as suas ideias, envolvidos no trabalho de todos os verdadeiros exploradores. Em vez de descartar esta informação, por não se enquadrar na visão científica do Mundo, a Ciência ortodoxa terá de começar a adaptar a sua visão, para se lhe adequar. É tempo de relegar Newton e Descartes para o seu lugar correto, o de profetas de uma visão histórica agora ultrapassada. A Ciência apenas pode ser um processo de compreensão do nosso mundo e de nós mesmos e não um conjunto de regras fixas para todo o sempre; com a chegada do novo, o velho tem muitas vezes de ser descartado.

*O Campo* é a história desta revolução em curso. Tal como muitas revoluções, começou com pequenas bolsas de rebelião, que foram individualmente ganhando força e ímpeto — um avanço numa área, um descoberta noutra lugar —, em vez de suceder um grande e unificado movimento de reforma. Embora estejam conscientes do trabalho de uns e de outros, estes são homens e mulheres de laboratório, que habitualmente não gostam de se aventurar para além das experiências para examinarem todas as implicações das suas descobertas, ou que nem sempre têm o tempo necessário para as examinar em conjunto com outros indícios científicos que vão surgindo. Cada cientista participou numa viagem de descoberta e cada um encontrou um balde de terra, mas ninguém teve a audácia necessária para o anunciar como um continente.

*O Campo* representa uma das primeiras tentativas para, num todo coeso, sintetizar estas diferentes investigações. Ao mesmo tempo, fornece também uma validação científica das áreas que têm estado maioritariamente sob o domínio da Religião, do Misticismo, da medicina alternativa ou da especulação *New Age*.

Embora todo o material contido neste livro esteja assente em factos obtidos através de experiências científicas comprovadas, às vezes, com a ajuda dos cientistas envolvidos, tive de especular um pouco sobre a forma como tudo se encaixa. Consequentemente, devo sublinhar que esta teoria é — tal como o reitor de Princeton, o emérito Robert Jahn, gosta de dizer — um trabalho em evolução. Em certos casos, algumas das provas científicas apresentadas em *O Campo* não foram ainda replicadas por grupos independentes. Tal como acontece com todas as ideias novas, *O Campo* deve ser encarado como uma primeira tentativa de enquadrar as descobertas individuais num modelo coerente; e algumas partes dele serão, sem dúvida, aperfeiçoadas no futuro.

Também será sensato ter em mente o bem conhecido provérbio que diz que uma ideia correta nunca pode ser definitivamente provada. O melhor que a Ciência alguma vez pode esperar alcançar é refutar as ideias erradas. Têm existido muitas tentativas, conduzidas por cientistas com boas credenciais e bons métodos de teste, para desacreditar as novas ideias elaboradas neste livro, mas, até à

data, ninguém o conseguiu. Até serem refutadas ou aperfeiçoadas, as descobertas destes cientistas permanecem válidas.

Este livro foi concebido para um público leigo e, para tornar compreensíveis noções bastante complicadas, tive frequentemente de ir buscar metáforas que representam apenas uma rude aproximação à verdade. Às vezes, as novas ideias radicais apresentadas neste livro vão exigir paciência, e não posso prometer que a leitura seja sempre fácil. Várias ideias são bastante difíceis para os «newtonianos» e «cartesianos» que existem entre nós, acostumados a pensar em todas as coisas do Mundo como sendo separadas e invioláveis.

É também importante reforçar que nada disto é uma descoberta minha. Não sou cientista; sou apenas a repórter e, ocasionalmente, a intérprete. Os aplausos vão para os homens e mulheres, maioritariamente desconhecidos, dos laboratórios, que descobriram e agarraram o *extraordinário* no decurso do dia a dia. Frequentemente, e sem que sequer o compreendessem completamente, o seu trabalho transformou-se numa busca pela física do impossível.

Lynne McTaggart

Londres, julho de 2001